

# A poética da memória na produção da Casa dos Estudantes do Império

*The poetics of memory in the production of the Empire Students' House*

Lucas Esperança da Costa

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

[l.esperanca@yahoo.com.br](mailto:l.esperanca@yahoo.com.br)

<https://orcid.org/0000-0002-8605-2017>

## RESUMO

A Casa dos Estudantes do Império (CEI) surgiu como um espaço de convivência, de estudos e de troca de experiências entre os estudantes das diferentes colônias portuguesas. No entanto, ao longo do tempo, ela se torna um dos símbolos da formação identitária, de consciencialização política e de luta e resistência ao regime colonial. O objetivo deste artigo é analisar dois poemas de Viriato da Cruz e António Neto, relacionando-os as questões da formação identitária, aos movimentos pela independência e aos aspectos pós-coloniais a fim de demonstrar como os autores, ao recuperar a memória histórica de resistência e enfrentamento a violência sofrida pelos povos negros ao redor do mundo, constroem poemas que servem de ferramenta para a conscientização do movimento anticolonial, demonstrando o caráter geracional promovido pelos membros da Casa.

**Palavras-chave:** Casa dos Estudantes do Império; Memória; História.

## ABSTRACT

The Empire Students' House (ESH) emerged as a space for coexistence, studies, and exchange of experiences between students from the different Portuguese colonies. However, over time, it becomes one of the symbols of identity formation, of political awareness, and of struggle and resistance to the colonial regime. The objective of this article is to analyze two poems by Viriato da Cruz and António Neto, relating them to

issues of identity formation, independence movements and postcolonial aspects in order to demonstrate how the authors, by recovering the historical memory of resistance and confrontation with the violence suffered by black peoples around the world, build poems that serve as a tool for the awareness of the anti-colonial movement, demonstrating the generational character promoted by the members of the House.

**Keywords:** Empire Students' House; Memory; History

## INTRODUÇÃO

Organizada a partir da década de 1940, em Lisboa, a Casa dos Estudantes do Império (CEI) surgiu como uma estratégia de apoiar os estudantes africanos oriundos das províncias ultramarinas chegavam a Portugal para realizarem os estudos técnicos ou superiores. Apoiada pelo governo salazarista, nas figuras de Francisco Vieira Machado, o Ministro das Colônias e Marcelo Caetano, o Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa, que percebeu que esses estudantes poderiam ser as novas lideranças locais e perpetuariam a política colonialista portuguesa em terras africanas. Inicialmente, afirma Ângela Coutinho, a Casa “tinha como principal objetivo dar apoio material aos estudantes universitários, originários das colônias portuguesas nos continentes africanos e asiáticos e enquadrá-los ideologicamente” (Coutinho, 2017, p. 115).

No entanto, ao longo do funcionamento da Casa, especialmente a partir da década de 1950, há uma mudança em seu perfil ideológico e seus membros passaram a lutar contra o regime português, sendo a Casa responsável pela formação intelectual dos futuros líderes africanos. Para Cláudia Castelo, a Casa se impõe “como um importante espaço cultural e político de contestação do salazarismo e do colonialismo, onde se reuniam os estudantes e os intelectuais das colônias que viviam na metrópole” (Castelo, 2015, p. 28). Além das atividades políticas que ela assume ao longo desses anos, a Casa foi fonte de uma rica produção literária que contribuiu para a dispersão da mensagem anticolonial, revelou nomes da literatura lusófona africana e propagou a valorização da identidade africana através de diferentes meios como o boletim *Mensagem*, as Antologias de Poesia da Casa dos Estudantes do Império e a Coleção de Autores Ultramarinos.

Ana Maria Martinho, acerca dessas contribuições literárias, reflete sobre o papel do boletim *Mensagem* e dos textos advindos dos moradores da Casa, que para além do

caráter documental que possuem, o Mensagem reuniu diversos nomes e divulgou “posições que vieram a revelar-se fundamentais no debate cultural que a África lusófona suscitou desde as independências” (Martinho, 2015, p. 53). Os textos, em sua maioria, eram poemas que nos permitem especular sobre a “existência de um verdadeiro movimento geracional”, afirma Martinho (2015, p. 53). É importante notar também que muitos textos que compõem as Antologias da Casa dos Estudantes do Império ou a Coleção dos Autores Ultramarinos figuraram nas páginas do boletim *Mensagem*. Observa-se ainda que esses textos possuíam uma variedade temática grande. Contudo, a partir dos anos de 1960, seguindo o posicionamento cada vez mais crítico em relação às políticas coloniais portuguesa, as produções literárias acompanharam essa tendência. Desse modo, as expressões literárias encontraram-se “empenhadas e claramente radicadas na experiência africana” (Martinho, 2015, p. 54).

Ao longo dos anos em que o boletim *Mensagem* circulou, ele difundiu a necessidade de uma revisão da história colonial, da construção de uma consciência nacional, da valorização da cultura natal, assim como a urgência em engajar mais pessoas na causa da autodeterminação de seus países. Segundo Alfredo Margarido, em *Literatura e Consciência Nacional*,

o que estava em causa era, de maneira evidente, para cada grupo nacional, a necessidade de assegurar a autonomização dos instrumentos culturais que, permitindo a afirmação da capacidade criadora, fornecesse ao mesmo tempo os alicerces a uma consciência nacional cada vez mais liberta do peso dos obstáculos colonialistas. Estávamos também convencidos de que a produção literária depende do quadro ideológico em que é elaborada, e não hesitámos em pôr em evidência o laço íntimo que a unia às escolhas sociopolíticas. Esta posição permitia, entre o mais, definir o laço que associava a criação literária num determinado momento à consciência nacional em elaboração. (Margarido, 1994, p. 15).

Em *Ensaio Afro Literários*, Pires Laranjeira ressalta que a conquista da autonomia literária esteve longe de elementos exclusivamente culturais. Para ele, a necessidade da consciência identitária foi um elemento fundamental para o rompimento com a estética europeia. Nesse sentido, afirma que:

A consciência da africanidade como passo importante para o esclarecimento da especificidade autonómica face ao continente europeu, pressupondo um

conceito de identidade continentalista, resultou de factores de ordem sócio-política e cultural. Orgulhosa afirmação das quantidades e potencialidades do homem africano perante a negação que delas fazia o europeu, a africanidade radica na contestação ao etnocentrismo e na recusa da dominação colonial. (Laranjeira, 2005, p. 47)

Assim, a literatura africana de língua portuguesa que surge nesse momento “nasce de uma dramática realidade: o choque diário e violento de dois grupos profundamente antagónicos, colonizados e colonizadores” afirma Ndundmawe Lépi<sup>1</sup> (1973, p. i) em *Literatura Angolana: alguns aspectos sócio-históricos*. Ademais, ele completa que a literatura produzida é uma contestação radical ao colonialismo português, que por meio da imposição cultural, esmagava e fazia desaparecer as culturas autóctones. Sendo assim, Lépi (1973, p. iii) destaca que “a urgência, a imediateza, exige que a literatura seja directa, penetrante e demolidora”. Nessa perspectiva, Laranjeira (2005, p. 51) afirma que “para os africanos comprometidos politicamente com a independência, a autonomia das suas literaturas [...] era um facto inalienável e irreversível” e acrescenta que “antes da independência nacional, a autonomia literária é irreversível, não só porque a anuncia, mas também porque ajuda a constitui-la” (Laranjeira, 2005, p. 55).

Por conseguinte, nota-se que ao longo dos anos, as literaturas africanas de língua portuguesa ganharam uma dimensão combativa de forma a auxiliar os processos de formação identitária e política, respeitando características locais e culturais de cada país. Tomando por empréstimo a fala de Lépi, “a literatura nova que surgia exprimia um mundo angolano, em português” (Lépi, 1973, p. ix). Contudo, compreende-se que ao adotar a língua do colonizador para a construção dessa nova literatura, os autores não se alienaram, pelo contrário, eles serviram-se do instrumento do opressor para combatê-lo. Lépi (1973, p. xvi) ressalta que “os intelectuais africanos escrevendo nas línguas dos colonizadores, quando exprimem a verdade de que são partícipes com o seu povo, são combatentes lutando com as armas imediatamente possíveis”. Nessa lógica, Alfredo Margarido, ao prefaciá-la edição dos *Poetas Angolanos*, em 1962, afirma que:

À medida que o homem se apropria do sentido da luta e dos escalões onde ela se processa, procura revestir-se com os símbolos que lhe são impostos, se bem

---

<sup>1</sup> Francisco Fernando da Costa Andrade ou simplesmente Costa Andrade, também conhecido por Ndunduma wé Lépi, nome de guerra adotado nos tempos da guerrilha no Leste de Angola, entre os anos 1960 e 1970.

que no seu carácter se entrevejam várias contradições, que são o ágio pago pela necessidade de conduzir a luta dentro dos padrões impostos pela sociedade (Margarido, 1994, p. 85).

Isto posto, não só a língua foi utilizada como instrumento para combater a opressão colonial, a memória, a história foram elementos que permitiram a construção de uma visão crítica, especialmente, de todo o processo colonial. Nesse contexto, compreende-se que se valer das memórias deixa de ser meramente um exercício contemplativo do tempo, mas um processo que auxilia na construção das identidades individuais e nacionais. Mais do que questionar se determinado fato aconteceu, é perguntar-se como ele pôde acontecer e como ainda nos assombra e nos ameaça. Durante esse processo de reflexão e revisão da/sobre a memória e da história, deixamos de ser objetos da memória e passamos a ser sujeitos da memória. Contudo, é importante sublinhar é que deixamos de ser escravos das memórias de outrem.

Assim, observa-se que prosadores e poetas da Casa dos Estudantes do Império utilizaram da revisão crítica da memória/história para auxiliar na construção política e identitária nacional, como é o caso dos membros da Casa, António Neto e Viriato da Cruz, nos poemas selecionados para este estudo “Os mortos perguntam” e “Mãe negra”, respectivamente, os autores exploram a memória colonial e os movimentos culturais e políticos de resistência, a fim de despertar a consciência crítica. Margarido (1994, p. 19) reitera que “na falta de documentos políticos, inexistentes ou raros, os africanos podiam encontrar os elementos essenciais da sua consciência nacional na criação literária”. Sendo assim, vejamos a análises desses dois poemas.

## **A POÉTICA DA MEMÓRIA**

Reexaminando a memória literária portuguesa, António Neto<sup>2</sup> publica “Os mortos perguntam”, no Boletim *Mensagem* n<sup>os</sup> 4-5-6 de 1948, com intuito de questionar os feitos e os efeitos do passado colonial. A respeito do poeta, há muito pouco o que se dizer. Licenciado em Matemática, durante os anos que esteve na Casa, enquanto frequentava a

---

<sup>2</sup> Ao abandonar a carreira literária, António Neto passa meio despercebido pela crítica, tendo alguns textos seus associados a António Agostinho Neto, provavelmente pela semelhança dos nomes. As informações presentes neste trabalho foram extraídas no livro *No reino de Caliban II: Antologia panorâmica de poesia africana de expressão portuguesa*, de Manuel Ferreira.

Universidade de Lisboa, desempenhou papel ativo no desenvolvimento cultural. Colaborou com o boletim *Mensagem* (CEI), e as revistas *Cultura e Momento*. Seus textos estão publicados nas antologias *Poetas Angolanos* (1959), na *Antologia de Poesia da Casa dos Estudantes do Império* (1994), no volume referente a Angola, entre outras publicações. Sem livros publicados, abandonou a carreira literária e dedicou-se às atividades de sua formação. A produção literária de Neto que figura no *Mensagem* é bastante curta. São alguns poemas (Canção de embalar meninos pretos, Os mortos perguntam, Pulso... e Poema). Como ele mesmo afirmou em crítica publicada em uma das edições do *Mensagem*: “sou apenas um amador de poemas” (Neto, 1952, p. 16).

Nesse sentido, o amante de poemas faz uma releitura do poema Mar Português, de Fernando Pessoa. Coincidência ou não, o poema de Pessoa encontra-se na obra *Mensagem* (1934), assim com o texto de Neto. O poeta tem como mote os versos “Valeu a pena? Tudo vale a pena/ Se a alma não é pequena” (Pessoa, 2011, p. 60). Desse modo, inicia o poema apresentando um cenário desolador de caminhos perdidos; de piras e fumaças que queimam corpos; da imagem dos mares que bebem o sangue daqueles que ousaram a cruzá-los e a enfrentá-los. Mar esse composto pelas lágrimas não só dos portugueses, mas das famílias africanas desfeitas pela vã cobiça portuguesa durante os processos de escravização. Corpos negros arrancados de suas terras e escravizados para alimentar as plantações nas Américas, onde a esperança deixa de existir.

Nos rumos perdidos dos ventos trocados,  
    Todos os rumos,  
Nos fumos das piras dos mortos cremados,  
    Todos os fumos  
de todas as piras...  
Nas iras dos mares  
Que beberam sangue  
    Todas as iras...  
Na ânsia enlutada de todos os lares  
    Vazios de esperança  
    Todas as ânsias  
De todos os lares... (Neto, 1994, p. 59)

Nesse processo, Neto prossegue descrevendo as violências sofridas por esses corpos africanos violentados não só pelos castigos corporais, mas, principalmente, pelo estupro das mulheres. bell hooks, em *E eu não sou uma mulher?*, destaca o papel da

violência no processo de desumanização dos africanos escravizados. Segundo ela (2022, p. 43), “o espírito orgulhoso, arrogante e independente das pessoas africanas precisava ser quebrado, para que estivesse em conformidade com o conceito que o colonizador branco tinha de comportamento escravo apropriado”. Nesse sentido, especialmente para as mulheres, as práticas de violências sexuais eram comuns e formas de “domesticação” dos corpos femininos. A respeito do estupro, apesar de hooks situá-lo no contexto estadunidense, permite-nos a espelhar para outros contextos coloniais. Ele “foi mais do que uma ferramenta causal de violência. Era um crime institucionalizado, elemento essencial da ação do homem branco de subjugar um povo por ganhos econômicos e psicológicos” (Brownmiller apud hooks, 2022, p. 91). Sendo assim, Neto em seus questionamentos escreve:

Nos sexos sangrentos das virgens violadas  
Os farrapos  
a sangrar  
De todos os sonhos que homens sonharam  
E homens violaram... (Neto, 1994, 59)

Segundo o autor, a colonização pôs fim a muitos sonhos violados pelos próprios homens. Desse modo, lê-se que os homens negros tiveram seus anseios violentados pelo colonizador branco. Além disso, Neto continua a sua descrição dos feitos coloniais questionando as dores geradas nessa empreitada. O poeta, assim como Pessoa, passa tanto pela dor daqueles que sobreviveram quanto pelos mortos em guerra. Pela dor daqueles que perderam a direção na vida e que tiveram seus corpos aviltados, desumanizados e violentados pela opressão do colonizador branco, cujas vozes, muitas vezes, foram silenciadas em nome do sonho de um império do Minho ao Timor. Sonho esse, como o próprio poeta afirma “sujos como vidas de virgens violadas” (Neto, 1994, p. 59).

Assim, entre os mortos e os sobreviventes da história e da memória colonial, as perguntas se avolumam, feitas em muitas vozes, em terras além-mar, entre as memórias de familiares. Para Neto, os mortos questionam “se valeu a pena...”. Nota-se no verso o uso das reticências como indicativo de uma pausa, de uma reflexão acerca desses feitos coloniais. Contudo, “os ventos trocam-se” (Neto, 1994, p. 60). A luta contra a opressão portuguesa em terras africanas começava e as dores, choros e mortes ainda continuavam.

Todavia, a partir daquele momento, conjugava-se o verbo esperar que preencheria os vazios do passado, apesar dos “fundos martírios...” (Neto, 1994, p. 60).

Por fim, o poeta destaca que mais que perguntar, é preciso protestar. É preciso engajar-se na luta contra a opressão colonial portuguesa. Assim, conclama seus pares à luta, ao comprometimento com a causa da independência. Destaca que o movimento ainda é incipiente e, embora esteja longe, em Portugal, os braços alcançam as colônias, pois possuem a “ânsia de querer” (Neto, 1994, p. 60). Novamente, percebe-se o uso das reticências de forma a marcar uma pausa para a reflexão por parte dos Irmãos convocados ao engajamento da causa independentista, porém o poeta não se esquivava ao afirmar que “... a pergunta é grande e a força é pequena” (Neto, 1994, p. 60). No entanto, sublinha que apenas eles, aqueles que lutam, podem responder se valeu a pena.

Os mortos perguntam,  
Os mortos protestam...  
...Irmãos, os braços são magros, mas longos,  
Longos da ânsia de querer...  
... A pergunta é grande e a força é pequena,  
mas só nós podemos, Irmãos, responder,  
Se valeu a pena... (Neto, 1994, p. 60)

Ao resgatar o poema de Fernando Pessoa, António Neto se apodera do discurso do colonizador para questioná-lo, para interrogar os seus atos, contudo, com a mudança dos rumos da história, com a ascensão das forças antagônicas ao regime colonial português, observa-se que muito pouco havia mudado: mortos e famílias desfeitas ainda eram uma realidade. Porém, os ventos eram outros, a luta pela independência começara apesar de ser ainda fraca, e era preciso que mais pessoas se engajassem na causa libertária, pois apenas diante da luta seria possível responder às perguntas que os mortos faziam. Percebe-se ao final do poema de Pessoa uma compensação diante de tanto sofrimento, visto que o poeta português afirma que “Deus ao mar o perigo e o abismo deu/ mas nele é que espelhou o céu.” (Pessoa, 2011, p. 60). Entretanto no poema de Neto, até aquele momento, não havia uma recompensa, uma vez que a luta apenas começara. Nesse caso, recorre novamente às reticências para finalizar seu texto, na tentativa de mostrar que a história ainda estava sendo escrita e que somente no futuro poderiam se responder a tantos questionamentos.

Ainda buscando a memória histórica para gerar engajamento e luta, outro poeta que se destaca é Viriato da Cruz, um dos mentores do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (1948) e um dos coordenadores da Revista Mensagem (1951-1952). Sua poesia busca uma redescoberta da identidade angolana, especialmente através do regionalismo. Segundo Francisco Soares, Viriato da Cruz é “o grande paradigma da literatura nacionalista angolana e o seu máximo expoente poético” (Soares apud Lazagna, 2021, p. 3). Além de sua expressão poética, Cruz é membro fundador do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), assumindo o cargo de secretário-geral nos anos de 1960. Além dos aspectos políticos presentes na história de Viriato da Cruz, faz-se necessário ressaltar que ele “vai marcar com sua obra muitos intelectuais de Angola, abrindo os caminhos possíveis para os rumos futuros da literatura angolana, ensinando a mobilizar a festa e a revolta popular, (...) e as promessas de libertação nacional”, como afirma Ivo Carneiro de Sousa (2013, p. 3), em *Viriato da Cruz: o nacionalista que morreu em Pequim*. Acerca de sua obra, Sousa afirma que ele propôs “uma literatura genuinamente angolana que rapidamente alimentou o protesto político, preparando a demorada luta de libertação nacional” (Souza, 2013, p. 1).

Sua obra poética encontra-se reunida em dois volumes *Colectânea de Poemas: 1947-1950*, publicada na “Coleção de Autores Ultramarinos”, com edição da Casa dos Estudantes do Império, em 1961 e o livro *Poemas*, de 1974. Acerca da primeira obra, é composta por seis poemas que demonstram a face de um poeta preocupado com questões como a representação de cenas típicas e da aculturação dos angolanos (Makèzú), histórias de costumes (Serão de menino) e sobre o repensar histórico e formação de uma consciência política (Mamã Negra). A respeito da obra poética de Viriato da Cruz, Fernando Soares afirma que há o choque entre dois mundos em seus textos – o antigo e o presente – onde o poeta “está-se num mundo novo com a memória banzada e saudosa do antigo” (Soares, 2008).

Para esse estudo, destacaremos o texto “Mamã Negra<sup>3</sup>” (1950), cujo subtítulo é “Canto de esperança”. Poema militante, falsamente subjetivo, revela uma voz poética que representa milhares de negros retirados de África e dispersos pelo mundo. Nesse poema,

---

<sup>3</sup> O poema aparece pela primeira vez, na edição de nº 1 do boletim *Mensagem*, nele o poema é dedicado ao poeta haitiano Jacques Roumain, assim mostra a adesão do poeta angolano ao Movimento da Negritude. O poema Mamã Negra aparece também nas *Antologias de Poesia da Casa dos Estudantes do Império*, no volume sobre Angola e São Tomé e Príncipe. Observa-se que quase todos os poemas de Viriato da Cruz estão presentes neste volume das Antologias.

Viriato da Cruz propõe um canto de dor, sofrimento e reencontro com a mãe África e sua história secular. Esse reencontro ancestral, presentifica esse homem fruto da diáspora, em especial, nas Américas. Desse modo, ao recontar esse “drama de carne e sangue” (Cruz, 2014, p. 27), o poeta visa não apenas rever a história da diáspora, como também trazer à memória histórica a fim de despertar a consciência política, citando diversos nomes e momentos de luta e resistência contra os sistemas opressores. Como destaca já na primeira estrofe:

Tua presença, minha Mãe – drama vivo duma Raça  
Drama de carne e sangue  
Que a vida escreveu com a pena de séculos. (Cruz, 2014, p. 27)

A partir desse momento, ouvem-se os ecos da história e das memórias dessa Raça que transmitem dor e sofrimento vindos das plantações as Américas. Na contracorrente da história, ouvem-se as vozes silenciadas vindas das “Carolinas Alabama, Cuba Brasil...” (Cruz, 2014, p. 27). Grada Kilomba, em *Memórias da Plantação*, afirma que sempre houve uma história de silenciamento das vozes africanas escravizadas. Sobre esses silêncios impostos, ressalta que há “uma história de vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e dos muitos lugares que não podíamos entrar, tampouco permanecer para falar como nossas vozes” (Kilomba, 2019, p. 27). Ainda sobre processos de fala e escuta, Kilomba destaca que “alguém pode falar (somente) quando sua voz é ouvida. Nessa dialética, aquelas/es que são ouvidas/os são também aquelas/es que ‘pertencem’. E aquelas/es que não são ouvidas/os se tornam aqueles/as que ‘não pertencem’”. (Kilomba, 2019, p. 42-43). Nesse sentido, ao permitir essas vozes suplicantes, Cruz autoriza a escuta dos negros e estabelece essa noção de pertencimento dentro da história, conforme visto no excerto a seguir:

Pela tua voz  
Vozes vindas dos canaviais dos arrozais  
[dos cafezais dos seringais dos algodoads...  
Vozes das plantações da Virgínia  
Dos campos das Carolinas  
Alabama  
Cuba  
Brasil... (Cruz, 2014, p. 27)

Percebe-se nesse fragmento a presença do negro nas mais diferentes plantações como café, arroz, algodão, bem como sua presença em todas as Américas. Assim, Cruz marca o papel dos negros no processo colonial. Embora o poeta não se esquive de afirmar a ideia de um Atlântico Negro criado pela colonização europeia nas Américas, tendo o homem negro como força motriz desse empreendimento, ele busca na história negra os sinais de resistência, luta política e cultural. Ao longo do poema, citará nomes de personalidades e movimentos negros que souberam resistir e, de alguma maneira, conseguiram fazer revoluções em diversos aspectos. É por meio dessas vozes históricas que Cruz desperta a conscientização da necessidade da luta contra o sistema opressor fascista-colonialista português.

Desse modo, Cruz escuta as vozes dos negros vindas das plantações, dos engenhos, dos campos e das usinas. Vozes que criam uma língua crioula advinda da mistura das línguas africanas com a língua do colonizador. Além das vozes que emergem das senzalas e campos, o poeta escuta as canções de lamento. A respeito das canções, em *As almas do povo negro*, W.E.B du Bois afirma que essas canções eram o modo como “a alma do escravo negro falava aos homens” (Du Bois, 2021, p. 271). Para ele, “essas canções são a mensagem articulada do escravo para o mundo (Du Bois, 2021, p. 274). Finaliza afirmando que elas “são a música de um povo infeliz, de filhos da desolação; falam sobre a morte e o sofrimento e um desejo não expressado por um mundo mais verdadeiro, de andanças nebulosas e caminhos secretos” (Du Bois, 2021, p. 274). Porém, Cruz também escuta nelas, vozes de esperança como sugere o subtítulo do poema. Segundo Du Bois,

Em meio a toda a tristeza das Canções de Lamento, há uma esperança – uma fé na justiça final das coisas. As cadências suaves de desespero muitas vezes se transformam em triunfo e confiança serena. Às vezes a fé na vida, às vezes a fé na morte, e às vezes a garantia de justiça irrestrita em um mundo justo além-vida. (Du Bois, 2021, p. 285)

Nessa trajetória que visa um canto de esperança, Cruz retorna ao *Harlem District South*, reencontra-se com *blues* e com os poetas afro-americanos Corrothers, Langston e Guillén, de forma a demonstrar que em meio a tanto sofrimento, há espaço para a resistência e para a luta. Ao mencionar *Harlem District*, o poeta remete aos leitores ao *The Harlem Renaissance*, movimento cultural afro-americano dos anos de 1930, nos

Estados Unidos, quando pela primeira vez as editoras e os críticos levaram a literatura afro-americana a sério e que a literatura e as artes afro-americanas atraíram atenção significativa da nação em geral. Acerca da literatura afro-americana produzida nesse período, observa-se a manifestação do orgulho em ser negro e um crescente sentimento de confiança entre os afro-americanos. Além disso, destaca-se ainda a elevação da raça através da cultura, desafiando estereótipos raciais e promovendo a integração racial.

A respeito dos poetas, Cruz cita um verso de James D. Corrothers, poeta afro-americano, considerado o poeta raça. Em seus poemas, retratava a vida urbana afro-americana da classe trabalhadora e denunciava a discriminação racial, ao mesmo tempo predizia um futuro brilhante para a humanidade. No poema citado pelo poeta angolano, “*Nas portas fechadas da Justiça*”<sup>4</sup> Corrothers apresenta as dificuldades enfrentadas pelos negros americanos, quando veem diante deles todos os portões da justiça fechados e se questiona “*Lord God, whatevilhavewedone?*”<sup>5</sup> (Cruz, 2014, p. 27). Apesar dessa interpelação, o poeta acredita que um dia cumprirá o objetivo ainda não alcançado por ele, e cruzará o portão reluzente de ouro e ametista. Cruz menciona também James Langston Hughes, um dos principais nomes do *Harlem Renaissance*, cujo texto “*O artista negro e a montanha racial*”<sup>6</sup> (1926)” destaca desapontamento com os poetas negros que desejavam ser apenas poetas, esquecendo-se de sua herança racial, sendo absorvidos pela cultura branca. No entanto, conclui seu texto afirmando que os poetas negros estão construindo “templos para o amanhã”<sup>7</sup> (Hughes, 2023, recurso on-line) e, dessa forma, alcançarão o topo da montanha. Por fim, escuta a voz de poeta cubano Nicolás Guillén, considerado o maior poeta do negrismo caribenho, cuja poética busca a consolidação da identidade nacional cubana. De acordo com Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves, em *Nicolás Guillén e a negritude latino-americana*, “toda sua obra é uma batalha contra a opressão, contra os privilégios e rivalidades que separam os seres humanos de qualquer condição” (Gonçalves, 2003, p. 144).

Vozes do Harlem District South

vozes das sanzalas

Vozes gemendo blues, subindo do Mississípi, ecoando dos vagões.

<sup>4</sup> No original: “At the closed gates of Justice”

<sup>5</sup> Tradução nossa: “Senhor Deus, que mal fizemos”

<sup>6</sup> No original: *The Negro Artist and the Racial Mountain*

<sup>7</sup> No original: *We build our temples for tomorrow, strong as we know how, and we stand on top of the mountain, free within ourselves.*

Vozes chorando na voz de Corrothers:  
Lord God, what evil have we done  
Vozes de toda a América. Vozes de toda a África.  
Voz de todas as vozes, na voz ativa de Langston  
na bela voz de Guillén... (Cruz, 2014, p. 28)

Ao trazer essas vozes em seu poema, Cruz demonstra que existiram vozes que resistiram e lutaram em todas as partes do Atlântico Negro. Movimentos e lutas vislumbravam a afirmação da identidade racial negra, assim como de uma identidade nacional. Vozes que cantaram as dores e sofrimentos, mas que também sonharam com um futuro de justiça e liberdade. Observa-se que o poeta finaliza o verso dessa estrofe com reticências, numa clara menção que há outros ainda, indicando uma continuidade de nomes.

Na próxima estrofe, Cruz traz a memória dos corpos açoitados e violentados pelo escravizador. Ressalta que os corpos negros são os responsáveis por amaciar e fecundar as terras pelo mundo com suor e sangue. Marca o desejo por esses corpos (“ai a cor desses dorsos ...”) (Cruz, 2014, p. 28), bem com toda a crueldade a que eles foram submetidos. Cruz especificamente, traz o nome de Willie Lynch, proprietário de escravos no Caribe, conhecido por manter seus escravizados disciplinados e submissos. A respeito de Lynch, cabe ressaltar que seu nome deu origem a palavra “linchamento” como prática de violência que mantém a ordem; e que durante viagem às fazendas estadunidenses observa a falta de controle dos senhores de escravizados, escrevendo uma carta aberta na qual ensinava estratégias para manter os negros na linha. Nessa carta, está escrito que o medo e a desunião entre os escravizados são os principais instrumentos de dominação e afirma que “o escravo depois de doutrinado desta maneira permanecerá nesta mentalidade passando-a de geração em geração” (Lynch, 2023, recurso on-line).

Rebrilhantes dorsos aos sóis mais fortes do mundo  
Rebrilhantes dorsos, fecundando com sangue, com suor  
[amaciado as mais ricas terras do mundo  
Rebrilhantes dorsos (ai a cor desses dorsos...)  
Rebrilhantes dorsos torcidos no tronco, pendentes da forca  
[caídos por Lynch (Cruz, 2014, p.28)

Ainda sobre os corpos, Cruz mostra-nos corpos negros que resistiram e lutaram contra os sistemas de opressão dando assim a visibilidade necessária às suas histórias.

Recupera a memória do líder negro Zumbi dos Palmares, que comandou um dos maiores quilombos brasileiros no século XVIII. O nome Zumbi se tornou sinônimo de coragem e valentia, uma vez que lutou e resistiu às forças coloniais portuguesas. Além disso, o quilombo o qual comandava tornou-se mais que um refúgio para negros escravizados foragidos: um movimento social na colônia, lugar de fundação de parte de uma nacionalidade brasileira. Além de Zumbi, o poema recupera a memória de Toussaint Louverture, líder negro haitiano que venceu o poder colonial francês. Segundo Michel-Rolph Trouillot, em *Silenciando o passado*, “a Revolução Haitiana era impensável no Ocidente, não apenas porque colocava em questão a escravidão e o racismo, mas por causa da maneira como o fazia” (Trouillot, 2016, p. 147). Esse modo de fazer a revolução passava pela libertação do pensamento colonial e a insurgência contra a dominação francesa. Cruz, ao citar Zumbi, Toussaint e a Revolução ocorrida no Haiti, visa demonstrar que a emancipação dar-se-á tanto por meio da resistência física, quanto através do despertar do espírito crítico e filosófico sobre a colonização. Nesse processo, o poeta conclama os batedores de jazz e a memória dos tambores ancestrais que brilhem e rebentem os grilhões das Almas que aprisionam ao medo e à desesperança, e que esses negros possam se libertarem.

O poema encerra com duas estrofes que recorrem à Mãe África que sofre ao ver seus filhos nos flagelos da história. A primeira estrofe, “em teu colo”, o poeta afirma que essa Mãe acolhe aos filhos alimentando-os em “bondade e poesia/ de música ritmo e graça...” (Cruz, 2014, p. 29). Por outro lado, essa mãe não reconhece esses filhos vistos como animais, “semoventes, coisas várias” (Cruz, 2014, p. 29) os quais têm como “brinquedo” a exploração do trabalho escravo. Na segunda estrofe final, o poeta, como filho, descreve a visão a partir do olhar da *mater dolorosa*, que ao longo dos anos experienciou as dores, viu o drama dessa raça, supostamente, amaldiçoada desde os tempos bíblicos<sup>8</sup>, cujo olhar foi perdendo o brilho ao longo dos séculos. Todavia, o filho de África consegue distinguir a esperança nos olhos de sua mãe a partir do brilho que “ora esplende ... cintilante e firme” (Cruz, 2014, p. 30). Para o poeta, esse resplandecer é a luta

---

<sup>8</sup> Ao longo dos séculos, a maldição de Cam justificou a escravização dos povos africanos. No poema, Viriato da Cruz cita Cam e Jafé, ambos filhos de Noé. Cam ao ver seu pai nu durante uma embriaguez, foi amaldiçoado por Noé. “Maldito seja Canaã. Que seja o mais inferior dos escravos de seus irmãos” (Gn. 9.25). Por outro lado, Jafé é abençoado “Que Deus faça Jafé prosperar, que ele more nas tendas de Sem, e Canaã seja seu escravo” (Gn. 9.27). A partir dessa interpretação, Cam representa a África, cujos filhos serão escravos; já Jafé representa a Europa, tendo o direito sobre a escravização dos povos africanos.

pela independência que chega, cujos filhos da terra anunciam e rompem o drama dessa raça e construindo um futuro diferente para a humanidade.

Mas vejo também (oh, se vejo...)  
mas vejo também que a luz roubada aos teus olhos ora splende  
demoniacamente tentadora – como a Certeza...  
cintilantemente firme – como a Esperança...  
em nós outros teus filhos,  
gerando, formando, anunciando  
– o dia da humanidade  
O DIA DA HUMANIDADE... (Cruz, 2014, p. 30)

Observa-se ao longo do poema que Cruz, como filho de África em luta, trabalha as estrofes em alternância entre sofrimento e esperança, silêncios e vozes, corpos violentados e corpos resistentes, canções de lamento e poesia de confiança, dias escuros da humanidade e o rebrilhar da esperança por um mundo melhor. Nessa última estrofe, a utilização dos verbos no gerúndio “gerando, formando, anunciando” (Cruz, 2014, p. 30) demonstra um processo ainda em progresso que visa resgatar a memória histórica africana a fim de engajar mais leitores na causa da emancipação. Víriato da Cruz ressignifica o passado, a memória histórica de modo a despertar que apesar de tanto sofrimento imposto aos negros, sempre tiveram aqueles que se insurgiram contra o sistema em busca de um mundo livre, um mundo para a humanidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo do tempo, a Casa dos Estudantes do Império mudou seu papel social. Num primeiro momento era espaço de convivência entre aqueles que vinham das terras africanas para concluírem seus estudos na Metrópole. Contudo, o apoio dado ao regime salazarista a Casa objetivava a formação de novos líderes “portugueses” que manteriam a ordem colonial quando retornassem aos seus países. No entanto, a Casa passou a ser um ambiente de formação informal de estudantes, onde tomaram consciência do regime opressivo imposto pelo governo português em seus países. Sendo assim, passaram a lutar contra o regime, sendo muito deles perseguidos e presos, porém muitos tornaram-se líderes e governantes de seus países quando ocorreram as independências.

Nesse processo de resistência e luta, a literatura foi sobremaneira um instrumento poderoso de conscientização e de dispersão a palavra anticolonial. Assim, muitos escritores, mesmo que de forma passageira, embarcaram na vida literária como forma de contribuir na oposição ao regime português, como é o caso de António Neto. Outros tiveram uma vida mais longa, tornando-se um grande nome tanto da literatura angolana quanto na figuração do imaginário libertário, como Viriato da Cruz.

Porém, o que reúne esses dois poetas aqui neste texto são os métodos de usar da memória histórica com a finalidade de revisar a história e construir uma visão mais crítica tanto dos acontecimentos históricos, como alimentar os interlocutores com mensagens de libertação. Ao recuperar os momentos históricos, eles não apenas os trazem à baila, mas demonstram que apesar de todo sofrimento causado aos povos negros pelo mundo, sempre tiveram pessoas, grupos que lutaram e enfrentaram os sistemas de opressão. Esses autores utilizaram a memória como instrumento para o projeto de construção nacional. Assim, ao recorrer a memória histórica dos negros, eles as incorporam como ativa e viva no ideário de seus interlocutores. Logo, pode-se concluir o papel fundamental da literatura como fonte de conservação e de reavivamento da memória, do passado e da experiência. Sendo assim, afirma Achugar (2006, p. 177) que “assim como houve um tempo para enterrar, ou preservar memórias, agora parece ter chegado o tempo de desenterrar identidades, de ressuscitar histórias, de construir novos monumentos e de desconstruir, ou de transformar, mediante a apropriação, os antigos. Para esses escritores, o tempo de desenterrar e se reapropriar das memórias foi durante os anos que se insurgiram contra o fascismo-colonialista português.

## REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

CASTELO, Claudia. Casa dos Estudantes do Império (1944-1965): uma síntese histórica. In: ROSINHA, Maria do Rosário; FREUDENTHAL, Aida. *Mensagem: Casa dos Estudantes do Império 1944-1994*. 2. ed. Lisboa: UCCLA, 2015.

COUTINHO, Ângela Sofia Benoliel. Os sócios cabo-verdianos e guineenses da Casa dos Estudantes do Império: socialização e trajetórias políticas. In: CASTELO, Cláudia; JERÓNIMO, Miguel Bandeira. (orgs.). *Casa dos Estudantes do Império: dinâmicas coloniais, conexões transnacionais*. Lisboa: Edições70, 2017.

CRUZ, Viriato da. *Poemas*. 2.ed. Lisboa: UCCLA: Mem Martins, 2014.

DU BOIS, William Edward Burghardt. *As almas do povo negro*. Trad. Alexandre Boide. São Paulo: Veneta, 2021.

GONÇALVES, Ana Beatriz Rodrigues. Nicolás Guillén e a negritude latino-americana. In: *Contexto*. Vitória, n. 10, p. 141-146, 2003.

HUGHES, Langston. *The Negro Artist and the Racial Mountain*. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/articles/69395/the-negro-artist-and-the-racial-mountain>. Acesso em: 21 jul. 2023.

hooks, bell. *E seu fosse uma mulher?: mulheres negras e feminismo*. Trad. Bhuvi Libanio. 10.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2022.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LARANJEIRA, Pires. *Ensaaios Afro-Literários*. 2.ed. Lisboa: Novo Imbondeiro, 2005.

LÉPI, Ndundmawe. Literatura Angolana: alguns aspectos sócio-históricos. In: LÉPI, Ndundmawe. *Poetas Angolanos*. Zambia: Serviços de Cultura da MPLA, 1973.

LAZAGNA, Angela. Viriato da Cruz: da luta anticolonial ao exílio em Pequim. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 13, n. 34, p. 01 - 07, 2021. DOI: 10.5965/2175180313342021e0107. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313342021e0107>. Acesso em: 12 jun. 2023.

LYNCH, Willie. *A carta de Willie Lych*. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/carta-de-willie-lych/?gclid=Cj0KCQjw2eilBhCCARIsAG0Pf8vER8h62gneF9npfLx5hWJMV-RAGwZIHGI7slwlc9RGUMpNTiLzOIaAkeDEALw\\_wcB](https://www.geledes.org.br/carta-de-willie-lych/?gclid=Cj0KCQjw2eilBhCCARIsAG0Pf8vER8h62gneF9npfLx5hWJMV-RAGwZIHGI7slwlc9RGUMpNTiLzOIaAkeDEALw_wcB). Acesso em: 12 jun. 2023.

MARGARIDO, Alfredo, Prefácio. In: FREUDENTHAL *et al.* *Antologias de Poesia da Casa dos Estudantes do Império 1951-1963: Vol. I (Angola e S. Tomé e Príncipe)*. Lisboa: ACEI: Gráfica 2000, 1994.

MARGARIDO, Alfredo, A literatura e a consciência nacional. In: FREUDENTHAL *et al.* *Antologias de Poesia da Casa dos Estudantes do Império 1951-1963: Vol. I (Angola e S. Tomé e Príncipe)*. Lisboa: ACEI: Gráfica 2000, 1994.

MARTINHO, Ana Maria Mão-de-Ferro. Reflexões em torno dos contributos literários na Mensagem da Casa dos Estudantes do Império. In: ROSINHA, Maria do Rosário; FREUDENTHAL, Aida. *Mensagem: Casa dos Estudantes do Império 1944-1994*. 2.ed. Lisboa: UCCLA, 2015.

NETO, António. Crítica Literária. In: *Mensagem: circular da Casa dos Estudantes do Império*. Ano III, No 13. Lisboa: janeiro, 1952.

NETO, António. Os mortos perguntam. In: FREUDENTHAL *et al.* *Antologias de Poesia da Casa dos Estudantes do Império 1951-1963*: Vol. I (Angola e S. Tomé e Príncipe). Lisboa: ACEI: Gráfica 2000, 1994.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. 4.ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.

SOARES, Francisco. No descruzar dos caminhos: a pesquisa poética de Viriato da Cruz. In: ROCHA, Edmundo; Soares, Francisco; FERNANDES, Moisés. *Angola – Viriato da Cruz: o homem e o mito*. Luanda: Chá de Caxinde, 2008. Disponível em: [https://www.academia.edu/31124608/No\\_descruzar\\_dos\\_caminhos\\_a\\_pesquisa\\_po%C3%A9tica\\_de\\_Viriato\\_da\\_Cruz](https://www.academia.edu/31124608/No_descruzar_dos_caminhos_a_pesquisa_po%C3%A9tica_de_Viriato_da_Cruz). Acesso em: 12 jun. 2023.

SOUSA, Ivo Carneiro de. Viriato da Cruz: o nacionalista e poeta angolano que morreu em Pequim. In. *Lusofonias*. Macau. n. 11. p. 1 a 8. Disponível em: [https://www.academia.edu/25567538/Viriato\\_da\\_Cruz\\_O\\_Nacionalista\\_e\\_Poeta\\_angola\\_no\\_que\\_morreu\\_em\\_Pequim](https://www.academia.edu/25567538/Viriato_da_Cruz_O_Nacionalista_e_Poeta_angola_no_que_morreu_em_Pequim). Acesso em: 12 jun. 2023.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: o poder e a produção da história*. Trad. Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya, 2016.

Recebido em: 25/10/2023

Aceito em: 08/01/2024

**Lucas Esperança da Costa:** esteve como professor de Literatura Brasileira e coordenador do curso de Letras na Faculdade Santa Marcelina em Muriaé. Estágio pós-doutoral concluído na Universidade Federal de Juiz de Fora, onde desenvolveu pesquisa sobre a Coleção de Autores Ultramarinos e a produção literária da Casa dos Estudantes do Império.